

WALDENICE OHANA

FLORES DA VALA



5
LIVROS

Flores da Vala

Waldenice Ohana

© Waldenice Ohana, 2021. Todos os direitos reservados.

O conteúdo deste livro é da inteira responsabilidade do autor.

Revisão: Ana Simão

Ilustração da capa: MBP

Impressão e acabamento: Líberis – Print on demand

1.ª Edição: Agosto de 2021

ISBN [Edição Impressa]: 978-989-782-368-8

Depósito Legal N.º 487640/21

5 LIVROS

Rua da Boavista, 719, 1.º T

4050-110 Porto

Telef.: 222 038 145

Tlm: 919 455 444

www.5livros.pt

info@5livros.pt

*A meus pais
Waldemar e Alice*

*A meus irmãos
Waldelice, Walter, Walnice, Wanda, Waldemar, Wania,
Wanja e Wander*

Índice

Introdução – A reunião dos retalhos	15
---	----

1.ª PARTE

Viagem às origens	23
A odisseia da infância	37
Curuzu – Aldeia para crescer	47
Papai em modo médico	77

2.ª PARTE

Vida em Nazaré	83
A fortaleza da conselheiro	97
Curuzu de novo	111
Mosqueiro e nós	123
Relógio que atrasa... não adianta	131
Vida em Marte	137
Final – Italiano Vero	145

“Antes de julgar a minha vida ou o meu caráter... calce os meus sapatos e percorra o caminho que eu percorri, viva as minhas tristezas, as minhas dúvidas e as minhas alegrias. Percorra os anos que eu percorri, tropece onde eu tropecei e levante-se assim como eu fiz. E então, só aí poderás julgar. Cada um tem a sua própria história. Não compare a sua vida com a dos outros. Você não sabe como foi o caminho que eles tiveram que trilhar na vida.”

Clarice Lispector

FLOR – Do latim *Flos, floris* – parte do vegetal do qual sai a frutificação. É a corola de várias plantas geralmente odoríferas e de cores vivas.

Na botânica, as flores são ramos cauliculares com folhas modificadas e que estão presentes nas plantas. Constituem o órgão responsável pela reprodução sexuada.

DÁLIA

(Dahlia Pinnata)– É a flor que representa a união, delicadeza e visão ampla e profunda.

Dália é quem faz o relato dessa história. Vão me conhecer melhor nas próximas páginas.

VIOLETA

Violeta (Saintpaulia Sonantha) – Remete a delicadeza, sutileza, beleza e humildade.

GIRASSOL (*Helianthus annuus*) – É uma flor ligada a boas vibrações e boa sorte. Reflete energia, entusiasmo e lealdade.

ANGÉLICA

Angélica (*Polianthes tuberosa*) – Flor muito bela e apreciada. Tem relação com a pureza, harmonia, união e paz.

MARGARIDA (*Leucanthemum vulgare*) – Embora de simples design, a margarida é uma flor muito bonita que transmite exuberância e alegria e simboliza, segundo os botânicos, pureza e inocência.

CRAVO

Cravo (*Dianthus caryophyllaceae*) – É conhecido em Roma como a Flor do Deus Júpiter, que na mitologia grega é Zeus. Traz

sorte e atrai vitórias. Usado como símbolo em festivais e revoltas, como a Revolução dos Cravos em Portugal.

ÍRIS

Íris (Íris sibirica) – Tem mais de duzentos tipos de cores e é conhecida como a flor do arco-íris. Remete a fé, esperança, coragem, amizade e amor, dependendo da cor.

ROSA

ROSA (Rosales rosácea) – Representa amor, ternura, paixão, coragem, inocência e beleza.

LÍRIO

Lírio (Lilium lilaleae) – Símbolo da pureza, castidade, bondade e amizade.

VALA – Palavra de origem latina (Valla – plural de Vallum) é definida como uma escavação longa que recebe as águas que escorrem dos terrenos ou de tubulações.

Introdução – A reunião dos retalhos

Quando acordei hoje, me olhei no espelho e não me achei. O que ele refletia era uma figura mesmo igual a minha mãe. Olhei para traz e só havia eu no quarto. Envelhecia e o espelho me informava. Doía-me a cabeça, mas isso era bom. Eu ainda estava viva. No fim de contas, vi uma pessoa por quem valia a pena a vida ser vivida. Tive um dia bem ocupado e o tempo passou depressa.

Mais um dia que se acaba. Agora, estou sentada no sofá. É final de primavera. Todos devem permanecer em casa. Exigências dos tempos de pandemia. Olho para o lado e o vejo. Ele, companheiro de uma vida inteira. Também desgastado pelo tempo como eu. Está aconchegado nas almofadas de sua cadeira vendo as notícias. Tristes notícias. Muitas estatísticas de hospitais, onde milhares de pessoas pelo mundo sofrem e morrem, devido à infecção do vírus que aflige a Humanidade neste 2020. Um ano diferente.

Todos nós temos tempo para tudo. Tempo para ver os filmes que não tínhamos visto. Tempo para ler muitos livros. Tempo e idade para filosofar. Muito tempo para pensar. O eterno dilema humano “De onde viemos?” me ocupou a mente. Começo a lembrar de minha infância. Difícil saber detalhes de nossos antepassados. Se pelo menos tivéssemos retratos de avós, tios e mesmo fotos antigas de nossos pais, seria mais fácil. Neste mundo atual, inundado de imagens, sinto muita falta de documentação dos tempos antigos. Nenhuma carta. Nenhum documento de registro

de nascimento ou casamento de avós e bisavós. Nada. Entendo que era um tempo complicado para uma família registrar sua história. Havia que passar oralmente de bisavô para avô e assim por diante. Essa chance não tive. Não conheci nenhuma avó e o único avô que cheguei a ver, veio para nossa casa apenas no final de um câncer que lhe tirou as forças. Ficava sentado num cadeirão ou deitado, antes de ir para o hospital. Muito fraco, não falava mais. Faleceu sem contar sua história. Minha mãe também nada sabia. Viveu com ele somente até os sete anos e sua mãe falecera quando ela tinha apenas quatro anos. Mesmo assim, início a projetar em palavras as histórias que minha memória permite. Tenho muita dificuldade. É minha primeira tentativa. Peço sua paciência. Prometo que vou me esforçar bastante para não o deixar chateado nesta leitura. Quero reviver meus pais, meus irmãos e as casas onde vivemos. Todas as lembranças se amontoam em meu cérebro, dando a mim a sensação de maior peso da cabeça. Parece que todas as lembranças armazenadas querem sair ao mesmo tempo na portinha que estou tentando abrir. Todas querem virar letras. Surgem uma a uma, depois de um empurra-empurra na saída da portinhola. As palavras têm para sair uma dificuldade, similar à entrada de torcedores num estádio para final de campeonato. Muitas foram esmagadas por minha dificuldade em cuidá-las. Outras conseguiram chegar ao papel. Tento organizar as ideias para continuar nesta jornada. Com a idade, as coisas ficam mais confusas na mente. Precisei da ajuda do disco rígido e hígido de meus irmãos mais novos nesta aventura que também é deles. Nesta colcha que começo a costurar, muitos retalhos vieram da memória de meus queridos irmãos. Fomos nove filhos vivos e três natimortos. Um total de uma dúzia. Isso me traz a lembrança de minha mãe sempre com bebê na barriga.

Toda costura necessita de um bom planejamento.

Fundamental é a escolha certa dos tecidos, das padronagens que melhor combinam entre si. Decidir o tamanho de cada retalho também se mostra importante. Nada de muitas repetições. Isso não traria beleza à nossa colcha. Aprendi a costurar com minha tia Dulce. Ela, uma senhora altiva, magra que usava sempre um coque na cabeça, feito com seus longos cabelos esbranquiçados. Estava sempre com vestidos de cores suaves e padronagens leves, abaixo dos joelhos. Ela própria costurava suas roupas, a dos dois filhos e muitas das nossas, os sobrinhos. Lembro que íamos diariamente a sua casa, após o almoço.

Eu e minha irmã Violeta sentávamos na sala e ela começava as explicações. Minha agitação de sempre me impelia a ir brincar no quintal. Queria correr, nem que fosse atrás de uma galinha, jogar pedra nas mangueiras, tirar um cacau do seu quintal, mas que nada. Era obrigada a permanecer sentada a bordar ou a costurar até à hora do lanche. Sim, tinha um lanche com leite, biscoitos ou bolinho de chuva ou mesmo mingau, lá pelas quatro da tarde. Com o tempo, aprendi a gostar dos bordados e das costuras, mas o lanche, esse também era bom.

Além de seus dois filhos, já quase adultos, havia na casa uma índia tapuia, chamada Laila de uns oito anos. Esses índios eram conhecidos por serem difíceis de relacionamento com outros povos e por não falarem o tupi-guarani original. Falavam um dialeto derivado deste. A tia Dulce tentava fazê-la mais educada. Laila era teimosa. Não queria estudar e não obedecia a nada do que a tia lhe pedia para fazer ou se comportar. Por isso, já tinha o vestido amarrado para cima nas costas com o traseiro à mostra. Assim, tia Dulce, que de açúcar não tinha nada, podia rapidamente dar-lhe umas palmadas sempre que desobedecia. Laila não ficou muito tempo. Foi devolvida ao seu povo que vivia na floresta, na região de Itaituba, próximo a casa da tia Xiça. Essa nossa tia era também irmã de tia Dulce e de meu pai. Conheci-a na viagem

que fizemos para Barreiras, eu e Violeta. Aprendemos muito com tia Dulce sobre comportamento feminino e sobre etiqueta. Como já disse, seu nome não combinava muito com ela. Era uma pessoa austera, sempre muito ocupada. Nunca nos tratava como crianças ou sobrinhos, mas sim como alunos. Nos dava, com muita maestria, lições de vida. Seus ensinamentos nos foram muito úteis na formação de nosso caráter. Não sei se contou aos seus filhos sua história, para nós pouco disse. Nem sobre ela ou meu pai, a quem criou desde os quatro anos. Muito religiosa, era exigente com tudo e com todos. De início eu tinha medo dela. Depois vi que, se fizesse como ela queria, tudo acabava bem. Ela não era de muita conversa. Gostava mesmo de educar. Ela era irmã mais velha de nosso pai e dizia que a mãe deles morrera quando ele ainda era criança e ela, como mais velha, o criou e protegeu. Parece que a mãe deles era a mesma, mas os pais eram diferentes.

A tia me mostrava os segredos das agulhas, da máquina de costura, do bastidor, da tesoura, das linhas e bordados e também os segredos da vida. Dizia que “a vida não te dá o que você quer, mas o que você precisa para ir em frente”. A ela devo muito de minha formação como gente e essa vontade infinda de sempre tentar costurar. Pode ser pano, conversa boa, discussões, sentimentos, feridas da alma, tudo. Acredito que a costura também serve como correção de nossos erros: as frases duras, os comportamentos não dignos ou as provocações feias. Tudo que é ruim pode ser transformado, corrigido e remendado com nova costura. Por isso, vamos coser essa colcha cuidadosamente, com os retalhos de minha família. A família é ter do que se lembrar. Só ela testemunha todas as nossas fases. Na família rimos e comemoramos juntos as conquistas. Ajudamos uns aos outros quando a necessidade pede e choramos nossas perdas. A família é também a referência para nossa jornada. É, em verdade, nosso endereço na vida. A casa das lembranças é a memória. Infelizmente, a minha